



Caldas da Saude

TRATAMENTO:

Uso interno

Enterite mucó-membranosa,
doenças das vias
urinárias, etc.

Uso externo

Doenças de pelle e
rheumatismo.



Este estabelecimento
funciona de junho
a outubro

VAGO

Disponível

#

■ ■ DIRECTOR ■ ■

◆ JOSÉ COELHO D'ANDRADE ◆

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

■ TYPOGRAPHIA MINERVA ■

◆ ◆ FAMILICÃO ◆ ◆

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

■ RUA DE SOUZA TREPA, 30-40 ■

◆ SANTO THYRSO ◆



Fyres

● ● 1.ª SÉRIE ● ●

■ ■ ■ N.º 2 ■ ■ ■

● ● ● JULHO ● ● ●

■ ■ ■ DE ■ ■ ■

● ● ● 1912 ● ● ●

SUMMARIO:

A Roda em Santo Thyrsó, J. COELHO D'ANDRADE

Maio espiritual, JOÃO DE LEBRE E LIMA

Influências estrangeiras em Eça de Queiroz,

JOÃO DE MEYRA

No deserto, ROBERTO MACEDO

A etimologia de Alvarelhos, ABBADE DE SOUZA

MAIA

Bernardino Luiz d'Andrade, ANTONIO A.

PIRES DE LIMA

Santo Thyrsó ha trinta annos,

DO JORNAL DE SANTO THYRSO

Varia ***

Gravador, MARQUES D'ABREU

CONDIÇÕES:

A gazeta "O AVE" sahirá
— com a regularidade possível —
todos os mezes.

PREÇO:

Cada série de 6 numeros,
num total de 120 paginas, 600 réis.
Pagamento adeantado.

ANNUNCIOS:

Preços convencionaes.

CORRESPONDENCIA:

Para qualquer assumpto ligado a esta redacção,
dirigir-se ao Director.
E o que respeita á administração
tratar se-ha na séde,

RUA DE SOUZA TREPPI, 30-40

JULHO DE 1912

SERIE
1.^a

Proprietario e Editor

O DIRECTOR

José Coelho d'Andrade



REDACÇÃO

Rua de Souza Treppa 30-40

SANTO THYRSO

NUMERO
2

Gazeta de S.^{to} Thyrsó

A RODA EM SANTO THYRSO

Um dos primitivos estabelecimentos de caridade foi a *Roda*, o albergue destinado aos expostos, creanças desvalidas a quem a sociedade soccorria. E' longa a sua historia, e muito mais seria o seu estudo, se pretendessemos analysar a doutrina que a legislação portugueza lhe tem fornecido desde as Ordenações. Mas, apenas com o desejo de archivar algumas notas sobre o que se passou, relataremos uma breve historia da Roda em Santo Thyrsó, depois de dizermos o seu significado. Temos falta de documentos para a completar, o que sempre nos succede quando tentamos estudar as coisas da nossa terra, e isto porque são poucos aquelles que devidamente cuidam com o amor e cari-

nho que é necessario, de tudo que seja o archivo.

Oxalá que gradualmente desperte a vontade de o organizar, emquanto vamos notando a sua falta e evidenciando o seu extraordinario valor.

A Roda foi um estabelecimento universal que a principio servia para todas as creanças abandonadas, do que resultaram abusos extraordinarios.

Jean-Jacques Rousseau, philosopho, auctor do *Contracto social* e do *Emilio*, em que sustenta que o pobre não tem necessidade de educação, escreveu tambem as *Confissões*, quadro duma vida excentrica. Rousseau, esse educador, tão deslocado na epocha em que viveu, litterato do

seculo XVIII, apezar da sua apregoada virtude, nunca mostrou affeição aos filhos, e cometeu aquele abuso, criminosamente, expondo todos os seus filhos.

Não foi esse certamente o fim altruista que presidiu a uma instituição tão humanitaria, mas antes o de evitar os infanticídios, que continuamente se succediam.

Era hereditario este desamor paternal, dos periodos barbaros em que muitos recém-nascidos serviam de isca nas ratoeiras para os liões. Havia povos da Africa em que num parto de dois gêmeos se sacrificava sempre um, outros que vendiam os filhos e alguns até que escolhiam os mais bonitos para seu alimento.

Obedecendo pois áquelle principio, organisaram-se as Rodas em todas as cidades e vilas, casas onde se expunham as creanças, sem que se conhecesse quem as levava, e se tratava da sua alimentação. Nisto se fundava o decreto de 24 de Maio de 1783.

Pelo alvará de 18 d'outubro de 1806 a roda passou a ser um estabelecimento de caridade destinado apenas a creanças abandonadas ou nascidas de mães illegitimas, pobres e recatadas e que as não podiam crear sem perigo da sua reputação. E' o que nos diz o Sr. Gouveia Pinto.

Não queiramos avolumar considerações geraes ou mesmo divagações, porque não é objecto do nosso artigo e abstraíamo-nos por-

tanto da indicação de muitos decretos que tornem fastidioso o assumpto.

Fixemos-nos apenas no decreto de 19 de Setembro de 1836, que entrega a administração particular da Roda á Camara respectiva, debaixo da inspecção da junta geral do districto e declara districtaes estas despesas. Até ao código civil o que estava estabelecido é que cada districto teria as *rodas* que a junta geral estabelecesse, e que as despesas deviam ser pagas pelos concelhos, e administradas pela Camara municipal dos logares em que existisse. E' justamente nesta data, como consta d'alguns documentos que tivemos a felicidade de encontrar na secretaria da Camara Municipal desta villa, que encontramos os primeiros assentos dos expostos do nosso concelho.

Elucida-nos sobre varios pontos de vista, do que tiraremos proveito adeante, o auto de arrematação do primeiro exposto, que por curiosidade transcrevemos, do L. 1.º dos assentos dos expostos do nosso municipio, em 1837:

—«Aos vinte e tres dias do mez de janeiro de mil oitocentos e trinta e sete, na casa das sessões desta Municipalidade aonde se achava presente o Presidente da mesma Camara José Antonio Pinto Guimarães com os membros della, e perante a mesma, comigo escrivão de seu cargo, pela mesma Camara foi mandado ao official della pôr em arrematação a criação do exposto

Emidio, o que elle official fez, apontando lançadores e praticando todas as demais solemnidades da lei e do estilo dando por ultimo sua fé que quem por menos a criava era a sobredita Maria Alves e pelo preço de treze mil e duzentos réis o primeiro anno da lei e os outros seis a dez mil réis cada anno, e como não havia quem por menos o criasse delle lhe mandou a mesma Camara fazer entrega, e delle tomou conta obrigando-se a dar-lhe bom tratamento e apresental-o quando por esta Camara lhe fôr pedido, sob pena de lhe ser tirado, e negado os pagamentos. E mandaram fazer o presente que assignaram com o porteiro a cargo da ama, abaixo assignado, e eu Luiz Antonio da Silva e Rocha escrivão o escrevi.

—Foi entregue á mãe em 24 de julho de 1838, e por não ter meios de poder indemnizar a despeza que esta Camara tem feito com a criação do mesmo exposto, não se procedeu contra ella para o pagamento, e eu Luiz Antonio da Silva e Rocha escrivão o escrevi.»

Este livro 1.º termina em 29 de outubro de 1841, data em que era escrivão João Justinião de Souza Trepa, dando-nos conta até esta data da arrematação de 83 expostos em que o preço da arrematação orçava por 12\$000 réis no primeiro anno. Só em 20 de Dezembro de 1841, porem é que se estabeleceu a Roda nesta villa, para onde vieram transferidos, expostos de varias rodas

como da de Negrellos, Refojos, Maia, Porto, etc.

Neste anno era administrador geral o conselheiro M. M. d'Azevedo e Mello, e chefe da Repartição dos expostos Antonio Jorge da Matta, que por vezes visitou o nosso estabelecimento, por deliberações da junta geral.

A primeira visita effectuou-se em 17 de Março de 1843, que fez acompanhado do então presidente da Camara Bernardino Luiz d'Andrade.

Já nesta data muitos expostos tinha soccorrido esta beneficente casa de caridade.

Alli prestou importantes serviços tambem o parcho da freguezia de Santo Thyrso d'aquella epocha, Bento José de Souza Monteiro.

Como dissemos já, vieram para a Roda muitos expostos transferidos, e é assim que encontramos com o n.º 47 o primeiro recém-nascido d'esta freguezia, de nome Gonçalo, tendo entrado pelas 11 horas da manhã em 18 de Fevereiro de 1842.

«Vestia uma camisa de panno fino, um vestido de chita verde, trazia uma coifa de chita na cabeça, e estava embrulhado em uma baeta de pintas vermelhas».

E' este o registo que lêmos.

Os expostos eram geralmente collocados na roda do postigo, que ainda hoje existe, mas muitos appreciam á porta das casas, á espera d'algum que os levasse para a Roda. E então as tristes mães, que apesar da sua afflicção se desligavam

dos filhos para os não vêr morrer á fome, como hoje visivelmente tantos exemplos se contam, collocavam-lhe signaes curiosos: atavam-lhe uns bilhetinhos com dizeres varios e promettimentos ás amas; davam-lhe tezouradelas no cabello e guardavam-no talvez para os distinguir mais tarde, como vimos num registo, em que o recém-nascido lá trazia o bilhetinho cozido ao lado esquerdo, e atado aos braços atilhos de linhas brancas dobradas trez vezes.

Apparecem-nos muitos registos engraçados:

Um recém-nascido traz um bilhete do seguinte teor:

«Esta exposta foi baptisada, chama-se Candida Maria, nasceu a 3 do corrente, leva um ourelo para apertador com uma cruz de latão; quem a criar terá boas alviças por caridade.»

Noutro bilhete lêmos: — «Muito cêdo se hade procurar. Nós esperamos que a ama a trate bem que no fim do anno se lhe ha-de attender, e pagar o seu trabalho.»

E ainda um que dizia: «Vae ser lançado á Roda. E' por seccar o leite á mãe e ser muito pobre.»

E neste sentido resumindo mais ou menos estes dizeres, encontramos dezenas de bilhetinhos, uns mettidos no seio, outros atados de formas diferentes e, como o d'uma creança de nome Jesusbino, embruhado em dois paus de trovisco.

Trazia alem disso nos braços, ata-

das com linhas brancas, trez contas enfiadas.

Era o distinctivo que muitas usavam. Uma trazia uma conta vermelha, outra duas contas de vidro côr de garrafa, ao pescoço, e outra uma corôa de contas pretas, porque não podiam como algumas, differençal-as por medalhas que lhes collocavam ao peito principalmente de Nossa Senhora das Dôres.

Era um distinctivo muito frequente, o das contas, colocadas de formas diferentes. Uma conta branca com pintas verdes e vermelhas, enfiadas em retroz vermelho; um bocado de liga verde no pulso direito com uma conta branca grande; contas azues claras; e finalmente outra tendo na mão direita um bocado de um galão de lã vermelha e amarrada por baixo do braço para o hombro esquerdo uma fita de lã tambem vermelha.

Eis pois alguns apontamentos que, da extensa collecção de registo, extrahimos, para que resáia apenas uma pallida idéa da preocupação das pobres mães que se separavam dos seus filhos, forçadas pela dura necessidade.

Notamos tambem que nesses registos alguns nomes se usavam já hoje pouco vulgares no nosso povo.

Entre elles recordam-nos os de Aniceto, Marçalo, Atanazio. Escolastica, Petronilha, Agra, Pulqueria, Jesusbino, Sancha, Anacleto, Suzana, Marinha, Leocadia, Imerenciana, Heliodoro, Gaudina, Izilda, Fausto, Quiteria, etc.

Termina o liv. II.º com o exposto n.º 543, em 17 de junho de 1854, sendo amanuense da Roda Joaquim José de Meirelles e Presidente da Camara Bernardino Luiz d'Andrade.

Vemos por aqui os excellentes serviços prestados por esta instituição, a 626 expostos, durante os 17 annos da sua existencia. Quantos destes recém-nascidos, sem a Roda teriam succumbido no meio duma horrorosa miseria, e talvez por inanição, á mingoa de alimento!

Da organização da Roda em 1842 sabemos que havia um pessoal cuidadoso formado pelo amanuense Wenceslau Joaquim Moreira que vencia 72\$000 reis por anno, pelo facultativo Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa que pelos seus honorarios percebia 48\$000 reis annuaes, a Directora Maria Luiza de Sousa com 80\$000 reis, e ainda uma servente por 34\$000 reis.

No livro respectivo das sessões camararias encontramos uma portaria do Governo Civil, auctorisando o escrivão da Camara a accumular o expediente da Roda por 50\$000 reis.

As amas absorviam a grande parte da receita. Vinham receber á Camara os seus vencimentos acompanhadas dos expostos aos seus cuidados, sendo verificada a identidade de todas as vezes pelo administrador do concelho, que, nessa data de 1842, era Bernardino Candido Barbosa d'Almeida, e na presença do Presidente da Camara. As

amas eram principalmente de Santo Thyrso, de Fimalicão, e de Negrellos. Eram obrigadas a alimentar bem os seus tutelados, porque, do contrario, removiam-lhe os expostos para a Roda, onde habitualmente tambem se encontravam muitos, que viviam na séde do proprio estabelecimento.

Geralmente as amas depois da creação ficavam com os expostos confiados a seu cargo, outras vezes entregavam-nos ás mães quando estas o reclamavam.

Sabemos já que as Camaras eram obrigadas ao sustento das Rodas.

E revendo alguns extractos das sessões camararias, tivemos occasião de vêr como a Camara entregou as cotisações que eram a receita da Roda, e que provinham dum imposto lançado para aquelle fim.

No primeiro anno entregou a Camara por uma vez 241\$829 reis, como consta da sessão de 18 de Setembro de 1842, e depois 120\$914 reis, sessão 11 de janeiro e outra verba igual de 120\$914 reis, sessão 19 d'Abril.

Orçava pois por uns 500\$000 reis, a importancia com que o municipio contribuia directamente para o sustento da Roda. Outras receitas podem existiam e entre ellas uma importante do cofre Geral do Districto, 720\$000 reis, e outra da Camara de Negrellos, 112\$000 reis.

Em julho de 1854, todos os expostos foram transferidos para o

Porto, e em setembro de 1854, por um documento que lêmos, já tinha sido extinta a Roda de Santo Thyroso.

Foi pena, porque talvez hoje encontremos, numa epocha de progresso, scenas tristes, e horripilantes, porque não tem o povo thyrseense, sequer, esse recurso de que tantas vezes se serviu. Muito imperfeito, é verdade, porque a prophylaxia e a hygiene eram ramos de sciencia alli pouco conhecidos. Crescem os infanticidios e nós que temos sido peritos em tantos casos poderíamos alongar-nos nessa descripção se não receassemos importunar por agora o leitor. Fal-o-hemos noutra occasião porque o assumpto é importante. Mas desde já aqui consignamos o facto de que muitos infanticidios se têm dado no nosso concelho e de que a falta duma crèche, na nossa villa, é demasiado sensível, para que cruzemos os braços, não mitigando o mal dos pequeninos d'hoje que são o futuro da sociedade. E sem alimentos, sem cuidados, são rachiticos, são atrophados que amanhã por falta de saude se tornam em vez de trabalhadores de raça e homens de assinalada robustez phisica, seres definhados, que se tornam pezados á sociedade que poucos serviços poderá exigir-lhes.

O estado actual das creanças desvalidas merece pois a nossa attenção, porque indubitavelmente não satisfaz a Camara essa exigencia, essa

necessidade, com os magros tostões com que de longe a longe mata a fome a algum protegido.

Propositadamente deixamos para este logar e para fechar o nosso artigo algumas referencias á casa da Roda.

Foi talvez, ella, que ainda existe felizmente, quem originou estas linhas.

Nenhum thyrseense desconhece o logar da Roda, uma estreita ruasinha, uma servidão particular, mas que hoje relembra o altruismo dos nossos antepassados.

N'esse logar está ainda a casa, regularmente conservada e existe tambem a janella da roda perfeitamente intacta.

E' uma janella que dá para um beco. Mede 0,50 de alto por 0,33 de largo e as pedras lateraes conservam o cavádo proprio, com um diametro de 0,56, onde andava a roda, assim como as pedras superior e inferior os ferros onde o eixo da roda girava.

E essa casa que serviu para uma instituição de caridade, foi morada a seguir do juiz da comarca, depois do distinctissimo clinico Dr. Pedroza, tambem dum professor de instrucção primaria, e hoje é uma modesta casa de caseiro de terras, que, quem sabe, talvez a julgue pequena e pouco confortavel, e é propriedade do auctor d'estas linhas.

JOSÉ COELHO D'ANDRADE.

Maio espiritual

*Sinto descêr a tarde nos teus olhos.
Outubro em maio: a luz desmaia aos ais.
Lenta, a sombra invadiu a alcova... Mólhos
de rosas brancas mureham nos cristais.*

*O piano aberto chama plos teus dêdos,
lembra toadas, quase te sorri.
Crepúsculo: e o Silencio diz segredos...
unge-te a Carne... E eu nunca te possuí!*

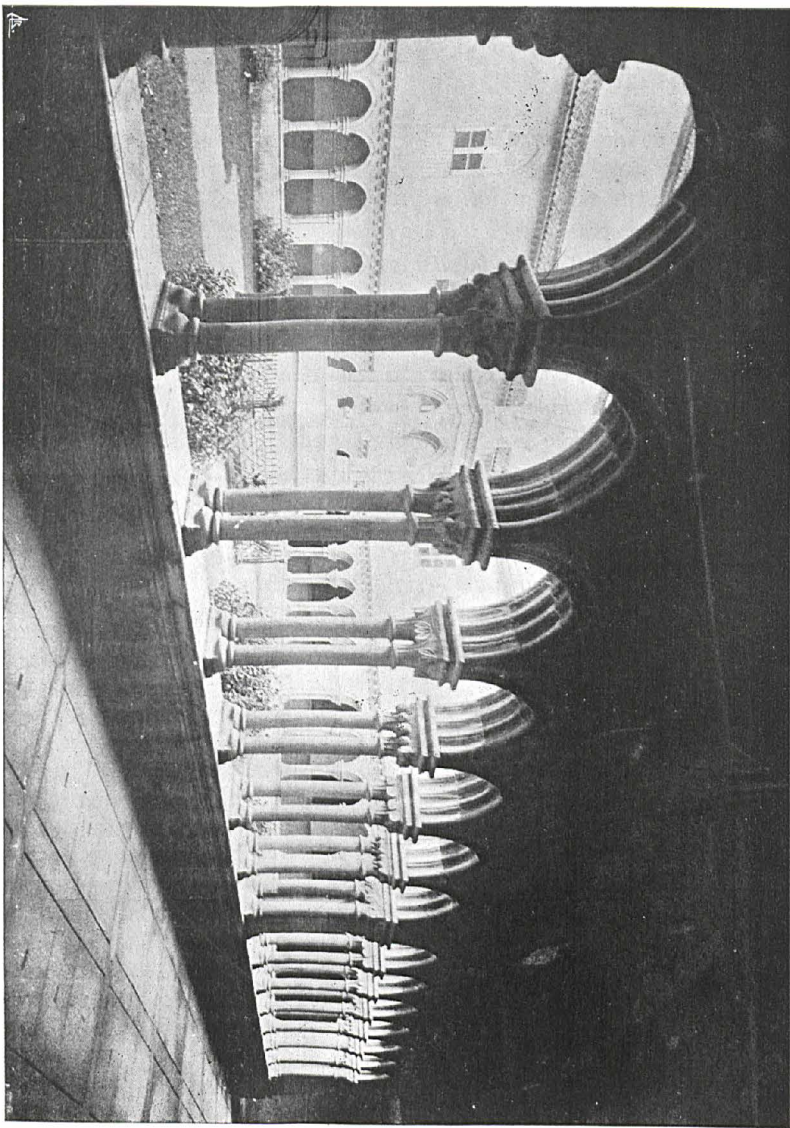
*Nunca!... e, comtudo — eu sei, minha indecisa —,
far-te-hia minha um gesto meu, um nada...
Céo de oiros finos. Sinos: agonisa
em cada lábio a frase começada...*

*Um gesto! E pra que hei-de eu fazêl-o?... Ah! não,
que nada turve este minuto austero!
Deixa apertar-te muito ao coração...
Noitinha. O' meu Amôr, como eu te quero!*

E beijo-te nos olhos como irmão.

Coimbra — 912.

JOÃO DE LEBRE E LIMA.



CLAUSTRO DA EGREJA DE SANTO THYRSO

(clicar de Ovar Guimarães)

Influências estrangeiras em Eça de Queiroz



Em um passo da *Reliquia* alude-se a Valério Grato chamando-lhe *legado imperial da Síria*:

Pertencia, disse elle, a um romano, parente de Valerius Gratus, antigo Legado imperial da Syria.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 197.

Valério Grato nunca exerceu tal cargo; foi apenas procurador da Judeia (*L'art de vérifier les dates*, vol. I, pag. 231, ed. 1818). Tudo me leva a crer que a afirmativa de Eça resultou de equívoco de leitura nesta passagem da *Vie de Jesus*:

Une série de procurateurs romains, subordonnés pour les grandes questions au légat imperial de Syrie, Coponius, Marcus Ambivius, Amius Rufus, Valérius Gratus, et enfin Pontius Pilatus s'y succèdent.

E. Renan — La vie de Jesus, p. 58.

E já agora vem a pêlo dizer que em outro ponto da *Reliquia* um personagem fala de Aelius Lamia (Eça escreve *Lamma*) como se ele estivesse exercendo o cargo de legado imperial na Síria:

Oh filho de Beothos, como tu conheces, uma a uma, as incontínuas d'um Rabbi galileu, filho das hervas do chão e mais miseravel que ellas! Nem que se tratasse d'Elius Lamma, nosso Legado Imperial, que o Senhor cubra de males!

E. de Queiroz — A reliquia, p. 223.

Aelius Lamia nunca foi á Síria, onde o substituiu Cn. Sentius Saturninus (*L'art de vérifier les dates*, pag. 231).

Para a mesma *Morte de Jesus*, e para a mesma *Reliquia* foram de grande auxilio a Eça de Queiroz as *Memoires de Jydas*, de Petruccelli de la Gattina. O romance do italiano é mal architectado e pobre de estilo, mas abunda em frases felizes, em informações de história e de costumes que Eça aproveitou dispensando-se de ir colhe-las em leitura mais rebarbativa:

O Romano é cruel, mas escravo de legalidade.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 221.

Um negro, com um pente em fôrma de sol tocando-lhe a carapinha, apregoava, n'um grito lugubre, bolos de ceiteio de feitios obscenos.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 212.

Depois uma sombra que tossia ergueu-se de sob uma arvore, triste e molle como se sabisse da sua sepultura; e roçando o meu braço, puchando a capa de Tópsius, rogava-nos através de gemidos e bafordas d'alho que fossemos dormir ao seu leito que ella perfumára de nardo.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 331.

Decerto as vossas ameaças não me movem... Cesar conhece-me bem... Mas entre nós, para proveito de Cesar, não deve haver desaccordo.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 259.

Socega, Gad, outros têm feito milagres! Simão de Samaria fez milagres. Fê-os Apollonius, e fê-os Gabienus... E que são os prodigios do teu galileu comparados aos das filhas do Grão Sacerdote Anius, e aos do sabio Rabbi Chekiná?... Se o milagre prova a divindade então é divino o peixe Oannes, que tem barbata-nas de nacar e prêga nas margens do Euphrates em noites de luz cheia!

E. de Queiroz — A reliquia, p. 225.

Ce Romain est sombre et sévère, mais juste, au plutót esclave de la légalité.

P. de la Gattina — Les memoires de Judas, p. 93.

Il portait devant lui un panier rempli de ces gâteaux de froment a formes impudiques que les Romains appellent *coliphia*.

P. de la Gattina — Les memoires de Judas, p. 307.

Une drôlesse .. s'est accrochée à mon manteau... en me disant d'une bouche rose sentant délicieusement l'oignon qu'elle avait paré son lit de sangle d'un tapis peint d'Egypte, qu'elle avait parfumé sa chambre de mirrhe, d'alcés et de cinnamome, et qu'elle m'invitait comme si, j'eusse été le roi Salomon.

P. de la Gattina — Les memoires de Judas, p. 96.

Je ne redoute pas vos accusations contre moi. Cesar me connaît. Mais je ne veux pas créer des prétextes de trouble entre nous.

P. de la Gattina — Les memoires de Judas, p. 447.

Tu as fait des miracles? Athalide, fils de Mercure, Esculape, Hercules, Gabienus, Polycrates, Amphion, Hérès, Orphée, les filles du grand-prêtre Anius, les prêtresses de Diane, de Féronie, d'Hirpius, Simon de Samarie, Apollonius de Thiane, Auguste, tous les medecins, tous les prêtres de religions étrangères, le cheval Pégase, le poisson Oannes, qui prêchait sur les rivages de l'Euftrate, en on fait en font autant et d'aussi miraculeux que les tiens.

P. de la Gattina — Les memoires de Judas, p. 388.

Eça de Queiroz ao utilizar-se desta ultima passagem de P. de la Gattina não reparou que falar de Apolónio de Tiane, na Judeia, em tempo de Tibério, era um anacronismo. Apolónio só mais tarde se notabilizou, como pode ver-se da sua biographia escripta por Filóstrato.

A descrição do banquete aniversário de Herodes e da morte do Baptista, que aparece na *Reliquia*, é tambem aproveitada de P. de la Gattina com pequenos pormenores de Flaubert nos *Trois Contes*. E' Flaubert quem comete outro anacronismo, o de colocar o festim durante o proconsulado de Vitélio. O governo de Vitélio na Síria vae de 34 a 39 (*L'art de vérifier les dates*, pag. 231), época em que o Baptista já deixára de existir. Mas o que Flaubert não escreve é que este Vitélio fosse « o crasso Vitellius que depois foi senhor do mundo » (E. de Queiroz — *A reliquia*, pag. 169). Tal dizer pertence exclusivamente a Eça de Queiroz ignorando talvez que o governador da Síria foi Lucio Vitélio, pai do imperador Aulo Vitélio.

Antipas, aterrado, offerece-lhe a cidade de Tiberiade, thesouros, as cem aldeias de Genesareth... Ella sorriu, olhou a mãe: e outra vez, incerta e gaguejando, pediu a cabeça de Iokanan... Então todos os convivas, Saduceus, Escribas, homens ricos da Decapola, mesmo Vitellius e os romanos, gritaram alegremente: «Tu prometteste, tetrarcha, tu juraste tetrarcha!»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 170.

São muitos os passos aproveitados das *Tribulations d'un chinois en Chine*, de Jules Verne, que foi para o *Mandarim*, o que mais tarde foram as *Memoires de Judas* para a *Reliquia*. Eça não procurou exclusivamente no livro de Jules Verne, os elementos da descrição de Pequim. Todos os pormenores de vestuário, de bric-a-brac, de usos domésticos, de culinária, que aparecem no *Mandarim*, encontram-se no romance de Jules Verne. E' provavel que Eça não tivesse outro expositor para o seu trabalho.

... era um bando de presos, que um soldado, de grandes oculos, ia impellido com um guarda-sol, amarrados uns aos outros pelo rabicho!

E. de Queiroz — O Mandarim, p. 104.

—Veux-tu la ville de Tiberiade?

—Non.

—Veux-tu le lac de Gennezareth aux cent villages?

Non. Je veux ce que je t'ai dit et j'attends.

—Antipas soupira. Un cri unanime s'éleva de la table:

—Accordé! Accordé! Tout ce qu'elle veut est accordé. Tu l'as juré tetrarque.

P. de la Gattina — Les memoires de Judas, p. 201.

Plus loin, quelques Chinois récalcitrants, noués ensemble par leurs queues, étaient conduits au poste.

J. Verne — Les tribulations d'un chinois en Chine, p. 181.

Adiante topámos com um jaula detra-
ves, onde um condemnado estendia, atra-
vés das grades, as mãos descarnadas á
esmolá.

E. de Queiroz.—O Mandarim, p. 105.

... onde em caracteres chinezes se
desenrolavam sentenças do Livro Sagra-
do de Li-Nun «sobre os deveres das es-
posas».

E. de Queiroz — O Mandarim, p. 121.

Como Jules Verne fala de pombas munidas de um aparelho sonoro
que se largam em ocasiões festivas Eça de Queiroz supõe todas as pom-
bas de Pequim constantemente providas de idéntico instrumento:

Aquella era a época em que as pom-
bas emigram de Pekin... Cada uma
traz, para a livrar dos milhafres, um leve
tubo de bambú que o ar faz silvar; e
aquellas nuvens brancas passavam como
impellidas d'uma aragem molle, deixan-
do no silencio um lento e melancolico
suspiro, uma ondulação colia, que se per-
dia nos ares pallidos...

E. de Queiroz — O Mandarim, p. 110.

(Continúa).

Puis, c'était un voleur encagé dans
une caisse de bois, sa tête passant par le
fond, et abandonné à la charité publi-
que.

*J. Verne—Les tribulations d'un chinois
en Chine, p. 181.*

... se conformer aux préceptes du
livre *Li-nun* sur les vertus domestiques,
et du livre *Nei too-pian* sur les devoirs
du mariage.

*J. Verne—Les tribulations d'un chinois
en Chine, p. 57.*

Des pigeons éoliens, munis d'un petit
appareil sonore, fixé à leur queue, s'en-
volèrent et remplirent l'espace d'une
harmonie céleste.

*J. Verne—Les tribulations d'un chinois
en Chine, p. 198.*

JOÃO DE MEYRA.



NO DESERTO

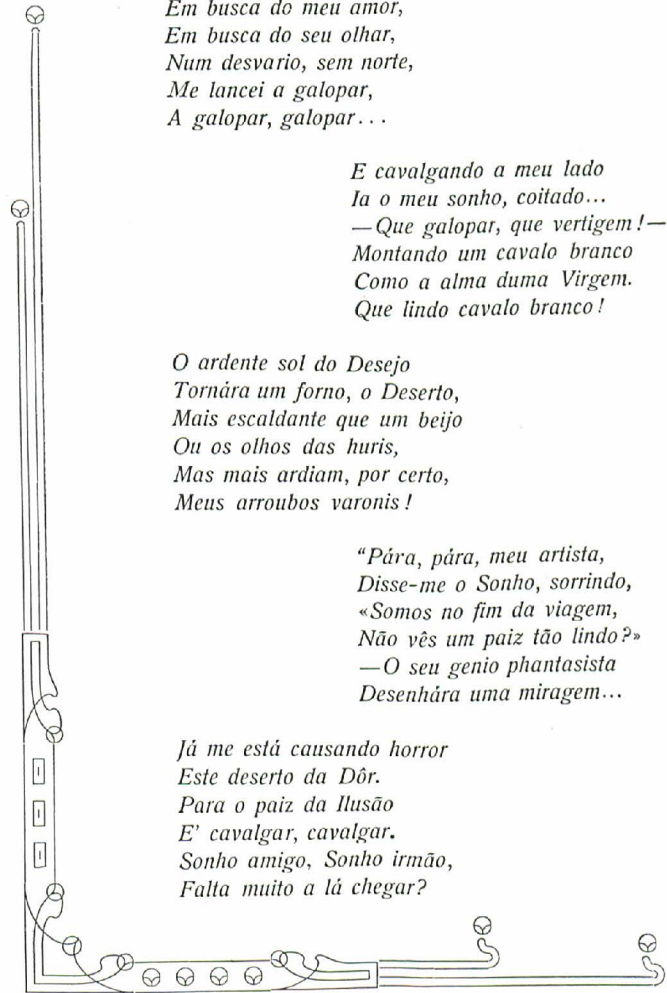
*Pelo deserto da Dôr,
Num corcel negro de morte,
Em busca do meu amor,
Em busca do seu olhar,
Num desvario, sem norte,
Me lancei a galopar,
A galopar, galopar...*

*E cavalgando a meu lado
Ia o meu sonho, coitado...
—Que galopar, que vertigem!—
Montando um cavalo branco
Como a alma duma Virgem.
Que lindo cavalo branco!*

*O ardente sol do Desejo
Tornára um forno, o Deserto,
Mais escaldante que um beijo
Ou os olhos das huris,
Mas mais ardiam, por certo,
Meus arroubos varonis!*

*“Pára, pára, meu artista,
Disse-me o Sonho, sorrindo,
«Somos no fim da viagem,
Não vês um paiz tão lindo?»
—O seu genio phantasia
Desenhára uma miragem...*

*Já me está causando horror
Este deserto da Dôr.
Para o paiz da Ilusão
E' cavalgar, cavalgar.
Sonho amigo, Sonho irmão,
Falta muito a lá chegar?*



*E o Sonho, sem dizer nada,
Crava a esporo e doidamente
Largando da mão a brida,
Logo passa à minha frente...
E cada vez na corrida
Me leva mór avançada.*

*"Pára, pára, espera um pouco,
"Corre menos, Sonho amigo,
"O meu jinete está manco.,;
Mas no seu cavalo branco,
A cavalgar como um louco,
Ele não ouve o que eu digo.*

*Já quasi que nem os vejo!
Vão nos confins do Ocidente
O lindo Sol do Desejo
E o cavaleiro do Sonho.
Vem soprando o vento algente...
Como o Deserto é medonho!*

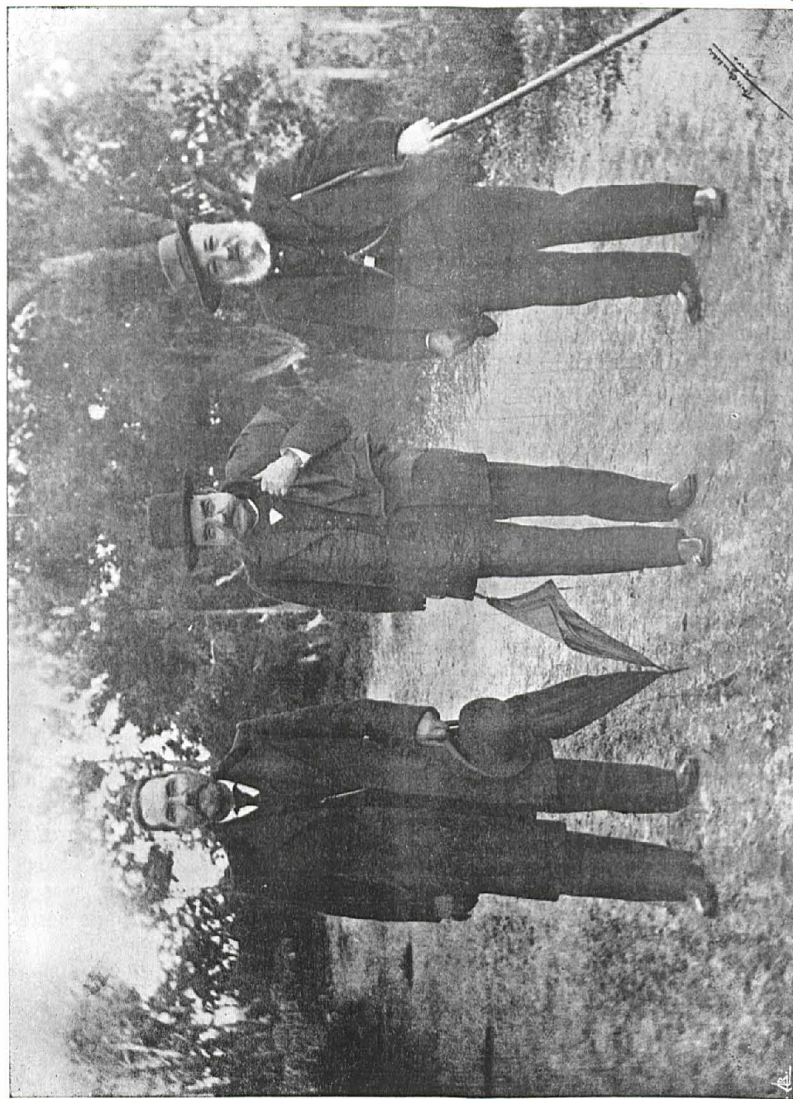
*Como a noite, no Deserto,
E' soturna, e é gelada!
Que calma tão dolorida!
Tenho a cabeça nevada.
O' Neve, tu és, por certo,
Mortalha da minha Vida.*

*O' que Céu cheio de estrelas,
O' que bando de saudades!
Minha alma é coberta delas.
Velhice tu és a cruz
E elas são mil mocidades
Que me salpicam de luz.*

*Mas quê! lá vejo outro Sol,
Solta a Vida um novo grito.
E este Sol tem maior brilho!
Um cavaleiro de escol
Avisto alem,—é meu filho.
Ai... sou eu que resuscito!*

Santo Thyrso, 1912.

ROBERTO MACEDO.



TRES AMIGOS
JOAQUIM CORRÊA DE MIRANDA (1834-1906)—JOAQUIM MARA D'ÁNDRADE (1834-1905)—EDUARDO ALVES DA CUNHA (1837-1903)

A ETIMOLOGIA DE ALVARELHOS

A toponímia, descobrindo-nos a origem dos nomes locais, oferece, a quem deseje estudar qualquer terra, importantes elementos, valiosos auxílios, que servem para a refundição, em melhores môdes, da história geral, e particularmente das localidades a que mais de perto se refere.

A toponímia tem hoje, como diz o sr. Theophilo Braga, o valor de um irrefragavel documento historico. E' por isso que os corógrafos, em face do nome que designa uma povoação, se sentem por via de regra tentados a explicá-lo, embóra nem sempre o tenham feito com acêrto por lhes minguárem estudos prévios indispensáveis, por desconhcerem as leis da filologia de que nestes casos, se não pôde prescindir.

E daqui, desta vontade de explicar e da falta de conhecimentos, para o poder fazer, — vem a serie de erros, — de fantasias lamentáveis de que estão inçados tantos livros, nomeadamente o «Portugal Antigo e Moderno» de Pinho Leal, repositório de muitos factos aproveitáveis, mas duma ingenuidade verdadeiramente infantil no que diz respeito á etimologia de nomes de diversos lo-

gares que descreve. Isto vêm para dizer que tambem, em frente da palavra *Alvarelhos*, se sentiu picado da tarântula etimologista o autor obscuro deste escrito; e, se não fôra a convicção intima de que *ninguem deve meter foice em seára alheia*, teria indicado uma bonita etimologia popular, mas, sem duvida erronea, teria talvez dado qualquer explicação abstrusa, envolvendo assim em trévas um assunto que precisa da maxima luz.

Reconhecida a tempo, infelizmente sem modestia, a propria incompetencia, procurou-se fonte limpa: foi consultada a maior autoridade filologica de Portugal, que se dignou responder nestes termos:

«Já por vezes tenho pensado em *Alvarelhos*. A' mesma familia pertence *Alvarinho*, os, — a, *Alvareda*, *Alvarido* (gallego), *Alvarelo*, (gallego), *Alvarillo*, (Salamanca), mas é difficil, pelo menos para mim neste momento, destrinçar tudo.

Na lingua commum temos: gallego *albarello*, variedade de uva, portug. *alvaração*, *alvarinho*, *alvaroca*, *alvar*, *alvarelhão*, tambem variedade de uva. Não ha duvida que *Alvaredo*,

Albaredo, *Alvarido*, e o ital. *Alvareto* vem de *Albarus*, que glosa o grego λευκός, e que se suppõe significar *populus alba* «alemo alvar», «choupo branco». *Alvarinho*, com o feminino *Alvarinha*, podia ser nome de homem, derivado de *Alvaro*, como o morto *Alvarim*, que presuppõe o genitivo *Albarini*; mas, *Alvarinhos*, plural, faz pensar em nome commum.

Alvarelhos tem como singular o gallego *Albarello*; morfologicamente é *alb-ar-ic-ulo-s*, ou seja deminutivo de *albarus*, cfr. o ital. *Albaretto*, ou se relacione com *alvarelhão* — *alvarelhão* — *alv-ar-elh-ão*, e com o gallego *albarello*, variedade de uva. E' o mais que lhe posso dizer.»

Eis como *currente calamo* discorre um sabio que, na sua modestia acha difficil o problema, mas nos dá uma demonstração que produz no nosso espirito a convicção de que a palavra *Alvarelhos* quer dizer, em ultima analyse: — *logar povoado de choupinhos brancos*.

Se formos procurar vestigios desta origem, no proprio local, talvez ainda apareça algum exemplar dessas arvores, que outr'ora povoaram

de certo, nesta região, a maior parte do terreno, occupado actualmente por varias culturas. Nem cause isto admiração, porque, noutros tempos, como veremos ainda, sómente se agricultavam as encostas dos montes: os fundos eram desaproveitados, e neles cresciam á lei da natureza os matagaes e os arvoredos.

*
* *

Dá-nos, por estes sitios, o onomastico outras interessantes indicações nalgumas palavras de estrutura arcaica.

Apenas ficarão tres aqui indicadas. São estas:

1.^a *Paço* — nome duma linda quinta, que vem de *palatium* — isto é, paço ou habitação do senhor duma «vila».

2.^a *Sá* — nome duma aldeia, derivado de *Sala*, habitação tambem de grande proprietário, no periodo da reconquista cristã.

3.^a *Grova* — nome doutra aldeia, que vem de *grovios*, povos antigos de que adiante se fará menção.

(Segue)

Abbade Souza Maia.



Bernardino Luiz d'Andrade

E' deveras curioso o exame das quatro taboas de que fazemos acompanhar esta biographia; apesar de muito imperfeitas, ellas evidenciam o quanto os habitantes de Santo Thyrsó estão unidos, em grande parte, por laços de estreito parentesco.

As velhas familias *Andrade* e *Pinheiro*, tantas vezes entrelaçadas, são as que contam maior numero de membros.

Publicamos hoje o retrato de uma das mais bellas e venerandas figuras da primeira d'aquellas familias — o commendador Bernardino Luiz d'Andrade.

Nascido parece que em 1795, ⁽¹⁾ de paes abastados, teve de dedicar a sua mocidade, em obediencia ás leis do tempo, á vida militar, e occupou o posto de alferes no regimento de milicias da Maia, com séde no Porto, tendo pertencido á 6.^a companhia.

⁽¹⁾ Não nos foi possível ver o assento do baptismo; e o assento do obito diz que faleceu com 78 annos «pouco mais ou menos».

Não podemos indicar as datas precisas do seu ingresso no exercito e da sua saída, mas sabemos que se conservou em serviço das milicias durante uns 6 annos, ou um pouco mais, porque já era alferes do regimento no dia 1 de janeiro de 1817 e ainda se encontrava no mesmo posto em 23 de janeiro de 1823.

Assistiu portanto á revolução de 1820, e, com todo o regimento, jurou solemnemente a liberalissima constituição de 1822, na Praça da Batalha, em 3 de novembro d'esse anno, tendo jurado já as bases da mesma constituição, com os outros officiaes, em 10 de abril do anno anterior.

Nunca mais repudiou as ideias liberaes e por causa d'ellas foi perseguido, como se vae ver.

Abandonando o exercito, casou pouco depois — em 22 de janeiro de 1824 — com uma senhora pertencente á familia *Pinheiro*.

Todos sabem que o periodo que se seguiu, até á victoria definitiva do constitucionalismo, foi cortado de luctas e dos mais entranhados odios e paixões sectarias. Bernardino Andrade, como authenticó *malhado* que era, não poude evitar perseguições; esteve prêso nas cadeias da villa, d'onde conseguiu fugir, homisian-do-se em Hespanha, segundo então correu, ou occultando-se segundo outros.

Parece que deveu a perseguição á denuncia de um individuo de Bur-

gães, a quem depois demandou por perdas e damnos, não chegando a causa a ser julgada. ⁽¹⁾

O que é certo é que, quando pela convenção de Evora Monte se consolidou o regimen liberal, passou a ser respeitado como sendo das pessoas de maior consideração na rua e concelho ⁽²⁾.

Logo em 29 de maio de 1834, num auto de aclamação de D. Maria II, appareceu nos como commissario de policia.

Em 16 de junho do mesmo anno, presta juramento como juiz pedaneo do concelho de Santo Thyrsó.

Em 6 de outubro seguinte, chega a prestar juramento como procurador e fiscal da camara, para que fóra eleito, mas essa eleição foi no mesmo dia declarada sem effeito, sendo substituída por outra em que elle é escolhido para o cargo de

⁽¹⁾ O decreto de 31 de agosto de 1833 concedeu aos partidarios da rainha o direito de pedir a indemnisação dos prejuizos áquelles que lh'os tivessem causado. Depois, a lei de 25 de abril de 1835 transferiu para o thesouro o encargo das indemnisações. O que não sabemos é se Bernardino Andrade solicitou alguma quantia do thesouro, como solicitaram innumeras victimas das perseguições dos legitimistas.

⁽²⁾ A povoação de Santo Thyrsó, que a gente das aldeias ainda appellida de *rua*, só por curta regia de 14 de dezembro de 1863 foi elevada á categoria de *villa*.

Em 11 de agosto do mesmo anno, estabeleceu a camara, na *Roda* dos expostos, por iniciativa do Presidente, a vacina anti-variolic, sendo esse serviço prestado todos os sabados pelo facultativo Pedrosa, que por elle recebia 20\$000 réis annuaes.

Nos annos de 1854 e 1855, foi estabelecida a actual communicacão entre a *rua* e a estrada do Porto, interrompida até então junto aos logares do Picôto e Orgal, o que representou um grande progresso para a povoação.

Em 1857 deixou Bernardino Andrade de pertencer á camara, continuando porém no cargo de vogal do conselho municipal, para que fôra reeleito em 13 de dezembro de 1855 (1). Succedeu-lhe na presidencia da camara o opulento proprietario Custodio Gil dos Reis Carneiro.

Começava o nosso biographado a envelhecer e passou por isso a entregar-se principalmente á administração da sua casa, que era muito importante (2).

(1) Ainda como vogal d'este conselho assistiu a varias sessões da camara, sendo um dos que votaram a construcção da actual cadeia e a emissão de um emprestimo destinado a essa construcção (sessão de 22 de março de 1859).

(2) Em 1859 soffreu o desgosto da morte prematura da sua desventurada nora, uma creança, casada com seu filho Joaquim Maria d'Andrade. E' do seu proprio punho

Falleceu em 16 de janeiro de 1873. Teve numerosa descendencia, como se vê da *taboa* I, e deixou a tradiçào, que se não apagou ainda, de possuir uma alma bondosissima.

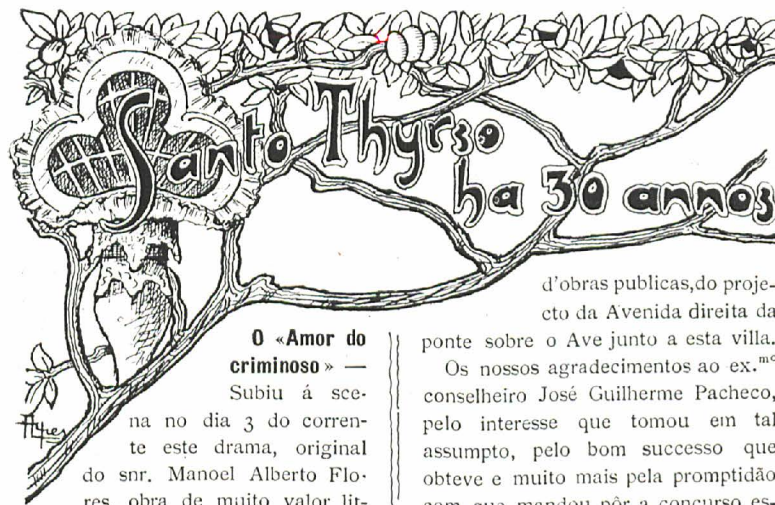
Todas as pessoas que o conheceram não esqueceram esse traço caracteristico da sua physionomia moral:—a sua grande bondade.

Numa comprida varanda, ha pouco em parte demolida, da casa em que viveu nos ultimos tempos (habitada hoje pelo auctor d'estas linhas, e que foi em tempo a melhor vivenda da villa) (1), entretinha-se muito o venerando patriarcha em dar comida ás pombas, que vinham poisar-lhe na mão, tanta era a affeição que já as ligava ao bondoso velho. E este singelo factu serve para mostrar como era affectuosa e simples a alma d'este individuo, que foi por largos annos a pessoa de maior fortuna e de maior representacão da sua terra.

Antonio A. Pires de Lima.

esta nota:—«No dia 19 de dezembro de 1859 nasceu pelas 11 horas e meia do dia o meu neto, filho de Joaquim Maria e de sua mulher Camila; e sua mãe falleceu no dia 27 do dito mês pelas 5 horas da manhã... Foi sepultada no dia 28 na capella do Montinho, de idade de 15 annos e 8 dias».

(1) Vid. o sr. Alberto Pimentel, obr. cit. pag. 173 e 174.



O «Amor do criminoso» —

Subiu á scena no dia 3 do corrente este drama, original do snr. Manoel Alberto Flores, obra de muito valor litterario; e por isso ao seu auctor tecemos elogios e damos-lhe sinceros parabens.

Todas as pessoas que representaram andaram bem, distinguindo-se muito o snr. Joaquim Augusto da Cunha e o auctor do drama.

— **Banda de musica**—Já estão comprados quasi todos os instrumentos para uma banda de musica que se vae organizar nesta villa e tratam já de aprender bastantes pessoas amantes da musica, vindo ensina-los o snr. Castilho, mestre da banda do regimento 18.

Consta que esta nova banda se denominará do «Visconde de S. Bento», o que achamos muito razoavel; pois foi este titular que generosamente deu o dinheiro para comprar os instrumentos.

— **Avenida da ponte do Ave**—Foi recebida com o maior jubilo a noticia da approvaçào, pela junta consultiva

d'obras publicas, do projecto da Avenida direita da

ponte sobre o Ave junto a esta villa.

Os nossos agradecimentos ao ex.^{mo} conselheiro José Guilherme Pacheco, pelo interesse que tomou em tal assumpto, pelo bom successo que obteve e muito mais pela promptidào com que mandou pôr a concurso esta obra de urgentissima necessidade.

Reflexão saudosa do mosteiro de Santo Thyrsso

Viandante passageiro vem ver attento,
Esta casa desprezivel e arruinada,
Seis seculos foi dos monges de S. Bento,
Respeitavel e pacifica morada;
Tam feia desde que deixou de ser convento,
Tam linda em quanto foi d'elles habitada.
Attende passageiro attentamente,
Que nada n'este mundo é permanente.

Anda, anda ver, viandante passageiro,
De grandes heroes a effigie respeitosa,
Collocados nos claustros d'este mosteiro,
Por mão habil, diligente e generosa,
Que concorreram com rendas e dinheiro
P'ra fundação d'esta obra magestosa,
Vê, viandante, vê bem á tua vontade,
Monumentos de ternura e saudade,

Por esta portaria, sahiram aos pares,
Os desditosos filhinhos de S. Bento,
Procurando, afflictos, os seus lares,
Cheios de angustioso sentimento,

Revolvendo atraz os seus olhares,
Dando um eterno adeus ao seu convento
Assim acabou tudo que era frade,
O destruidor foi-se p'ra eternidade.

Segue, segue teu destino passageiro,
Por agora, não te quero deter mais,
A lembrança do que foi este mosteiro,
Causa-me na alma angustias mortais
Nem eu posso agora, por inteiro,
Do que este edificio foi dar-te sinais.
Mão forte, terrível, pezada e dura,
N'uma hora destruiu esta clausura.

A. R.

—Inauguração das aulas nocturnas

—No dia 16 do corrente foram solemnemente inauguradas as aulas nocturnas, gratuitas d'esta villa, não na casa da aula regia, como estava primeiramente determinado mas no grande salão da quinta do Mosteiro; por que aquella não tinha capacidade para receber todos as pessoas que abrilhantarem este acto. A's 5 horas da tarde tocava á entrada do salão uma banda de musica e subiam ao ar muitos foguetes achando-se alli reunidas algumas senhoras, o ex.^{mo} snr. Visconde de S. Bento, os representantes da camara municipal, do administrador do concelho, do juiz de direito e da junta de parochia, muitos cavalheiros d'esta villa, da cidade do Porto e d'outras localidades e grande numero de artistas, cujos nomes encheriam as columnas d'este jornal se aqui os quizessemos mencionar e bem assim a

meza directora da escola que era composta pela fôrma seguinte:— presidente o snr. José Maria de Souza Azevedo; vice-presidente o snr. João Rodrigues Lobo; inspector o snr. Joaquim Augusto da Cunha e secretarios os snrs. Manoel Alberto Flores e José Corrêa de Freitas, na falta do snr. José Maria Carneiro de Varziella; o snr. presidente declarou aberta a sessão e deu a palavra primeiramente sobre a necessidade da instrucção, a qual demonstrou exuberantemente com argumentos irrefragaveis.

Fallaram em seguida os snrs. João Rodrigues Lobo, José Corrêa de Freitas e finalmente o snr. Adolpho Martins Ribeiro.

Em seguida appareceu dos artistas o snr. Theotônio Gonçalves que recitou uma breve allucação, matriculando-se em seguida 34 pessoas. Depois de feita a matricula o snr. presidente encerrou a sessão.

—**Exames**— Terminaram os exames de instrucção elemental na escola publica d'esta villa, sendo examinados 22 meninos e uma menina. Ficaram todos approvados e distintos os meninos: Jorge Corrêa do Amaral, Joaquim Andrade da Costa Leite, Camillo da Costa Leite, Felix José Moreira Vasconcellos, Ernesto da Silva Mendes, Arnaldo Augusto Ferreira Coelho, e a menina Virgínia Fernandes da Silva Guedes.

• • VÁRIA • •

Aos nossos collegas

Agradecemos com o protesto da mais viva sympathia, as palavras amaveis que os nossos illustres collegas tão gentilmente nos endereçaram, nomeadamente o "*Jornal de Santo Thyrso*," a "*Semana Thyrsense*," e o "*Combate*,"

Mudança da Comissão Municipal

Demittiu-se, na sua quasi totalidade, esta comissão, por motivos politicos, segundo parece.

A ella se deve o conseguimento do emprestimo, que se destina aos grandes melhoramentos, o abastecimento d'aguas, e a installação da luz electrica.

Tendo contribuido intensamente para o aformoseamento e desenvolvimento da vila, esta comissão honra-se pelo trabalho insano que para isso dispendeu e pelo são criterio e imparcialidade que usou.

A nova comissão é composta dos srs:

Francisco C. Moreira da Silva, Antonio A. da Fonseca e Castro,

Virgilio Coelho d'Andrade, Joaquim Alves de Souza, Manoel Gil Carvalho Ferreira, Arthur Nogueira Gonçalves e Joaquim Corrêa Monteiro.

Auguramos-lhe uma bella *étape* administrativa.

Theatro Brazão

Com a «Viuva Alegre» e o «Sonho de Valsa», marcou Santo Thyrso a estreia da opereta, duas bellas peças de theatro que mais tem a saliental-as uma musica adoravel, inspiração dos auctores allemães... e Strauss.

Os thyrsenses tem manifestado já o seu amor pela arte scenica, e o maior enthusiasmo pela musica.

E' uma arte, que mais que todas as outras nos falla ao coração, e nos comove a alma.

Berlioz chega a restringir esta concepção, julgando-a admissivel, exclusivamente para os homens intelligentes e dotados duma organização especial.

A musica é uma sciencia, como composição, e uma arte como execução. E o meio mais bello para a mostrar, e o que mais nos seduz, é o canto, mais ainda que os mais

difficeis instrumentos. Musico e poeta, Wagner, o grande reformador, e gloria da arte moderna, junta as duas artes, como num mesmo pensamento, e nascidas duma inspiração commum.

E' uma excellente educação, enbriante e emotiva, que tem o poder de nos dominar, e de nos deleitar. Extensiva até aos animaes, como diz Strabo dos elephantes, que se domam e se amansam com cantigas e tympanos.

A musica delira-nos e com ella ficamos como mergulhados num somno ideal, sentindo o maior prazer, deliciando-nos o espirito e o coração.

Foi assim que gozamos aquellas duas noites, de 1 e 2 de junho, mercê d'uma empreza arrojada, digna dos maiores applausos, e da homenagem de todos os thyrssenses.

A «Viuva Alegre» foi certamente a peça que mais agradou, e a que melhor execução teve da parte dos artistas.

Desempenhada por uma companhia Lisbonense, tinha como seu director, Armando de Vasconcellos, figura attrahente e sympathica, d'um coração d'oiro, e que pelos seus meritos tão justamente impulsionou o publico thyrssense.

Foi um Conde Danilo, duplamente artista na arte de conquistar, e na arte de representar.

O papel da «Viuva alegre» estava confiado a Carmen Osorio, vis-tosa e elegante, dominando mais

pelo gesto que pela voz, attrahindo mais pelo encanto que pelo canto. Julieta Silva que tinha uma voz bonita, harmoniosa e delicada, agradou muito, peccando todavia pela sua apresentação acanhada. Pinto Ramos cantou bem, Prata agradou, Caetano Reis sempre admiravel.

O resto da companhia apresentou-se regularmente.

O «Sonho de Valsa» menos feliz, não teve, á parte a linda musica, o agrado geral, nem tão pouco os seus interpretes quizeram dar todo o realce de graça e vida a que a peça por vezes se presta.

Fechamos com o nosso applauso intenso e sincero á empreza, lembrando-lhes que duas enchentes d'aquella natureza são symptomas concludentes do entusiasmo e gosto do publico thyrssense.

Com dois espectaculos de «Variedades», numa estreia brilhante, em 29 e 30 do mez passado, festejou este Theatro o seu primeiro anniversario.

Agradou-nos sobremaneira a confecção do programma, tendo a saliental-o o malabarista japonéz, João Goul, artista magnifico, e uma linda cançonetista, «a bella Emilita», que ao seu porte elegante e apresentação distincta, junta uma voz harmoniosa e suave, o que impressionou muito agradavelmente todos os assistentes.



Consultorio Medico-Cirurgico

DE

José Coelho d' Andrade

Rua de Souza Trepa, 30-40

SANTO THYRSO

Cousultas diarias nesta villa e ás quintas-feiras em S. Thiago da Carreira

AYRES D'AZEVEDO

Sollicitador encartado

Praça do Conde de S. Bento

SANTO THYRSO

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

E

Agencia do Banco de Portugal

E DAS

Companhias de Seguros

SEGURANÇA E FIDELIDADE

Viuva de Antonio Ribeiro Guimarães

192, RUA DE SOUZA TREPA, 194

SANTO THYRSO

CAMISARIA

TELLES & MARQUES

11, Praça da Liberdade, 19

PORTO

Filial: Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Queiroz Ribeiro

e Pires de Lima

ADVOGADOS

Rua da Fabrica, 78-1.

PORTO

Justino

ALFAIATE

Sempre as ultimas novidades em fazendas e confecções

Rua 31 de Janeiro, 137

PORTO

Justino Alves

SAPATEIRO

Todas as novidades em calçado de luxo para senhora e homens

(NO MESMO ESTABELECIMENTO)